

Editorial

A multiplicidade do pensamento geográfico e espacial se materializa, entre outras formas, na diversidade de métodos e abordagens com as quais os geógrafos e demais profissionais produzem conhecimento. O método, compreendido como conjunto de abordagens, procedimentos e teorias, constitui questão fundamental para qualquer campo do conhecimento e está relacionado diretamente à forma como os resultados da pesquisa são obtidos. Neste número da Espaço Aberto, reiteramos o caráter da diversidade de abordagens geográficas que fundamenta nossa linha editorial através de artigos que problematizam metodologias e áreas tão distintas da geografia quanto a geografia política, a geografia agrária e a geomorfologia. Eles apontam, mais uma vez, não apenas para a riqueza de temas, mas para multiplicidade com as quais estes podem ser abordados e, também, para o fato de que a pesquisa, mesmo empírica, não pode prescindir de uma reflexão importante sobre o método.

O artigo que abre esta edição da revista, escrito por Daniel Abreu de Azevedo e Lilia Susana Padilla y Sotelo, emprega o conceito de “engenharia político-geográfica” para analisar a relação entre território e democracia a partir da experiência dos Comitês Ciudadanos na Cidade do México. Ao fazer uma relação entre as práticas da democracia participativa no México e no Brasil a partir desse conceito, apontado pelos entraves para o desenvolvimento de espaços políticos legítimos, os autores trazem importante contribuição metodológica e empírica para o campo da geografia política renovada.

Também com uma preocupação sobre a importância da discussão sobre método, o artigo de Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega procura discutir a aplicação do método dialético e da *démarche* regressiva-progressiva na geografia. A discussão sobre método, entendido pelo autor como concepção de mundo, de movimento do pensamento e da ação, em seu entendimento deve contribuir para superar visões superficiais dominantes e produzir análises de fato críticas da realidade.

Com outro foco sobre questões de método, o artigo de Rachel de Almeida Moura discute o uso da teoria da imagem fotográfica pela geografia. Ao analisar a fotografia enquanto um artefato cultural e visual que se comunicam, a autora apresenta um conjunto de metodologias visuais e fontes de informações que se apresentam como possibilidades para a pesquisa em geografia.

No campo das tecnologias de representação, o artigo de Mariley Gonçalves Borges, Marcos Esdras Leite e Manoel Reinaldo Leite apresenta um estudo sobre a utilização do sensor Modis nas áreas ocupadas por eucalipto em Minas Gerais, analisando sua aplicação para o monitoramento do crescimento deste plantio e discute a qualidade do mapeamento através de um sensor de baixa resolução espacial.

Também com o uso de técnicas de sensoriamento remoto e geoprocessamento, o artigo de Jonas Milanese e Tânia Rodrigues Ferrer analisa as transformações na paisagem provocadas pelo plantio do arroz no município de Cachoeira do Sul, na região de fronteira no Rio Grande do Sul, entre 1975 e 2015, indicando a importância do contexto agroeconômico como responsáveis por tais transformações.

Ronaldo Vicente Guimarães Filho analisa a relação entre agricultores envolvidos com técnicas agrícolas tradicionais e a preservação da paisagem em Biguaçu, Santa Catarina. Em seu artigo, o autor procura mostrar como uma comunidade que utiliza técnicas de agricultura itinerante instrumentaliza a paisagem, atuando como um instrumento de preservação.

O artigo de Manoel Reinaldo Leite, Lucas Augusto Silva e Raul de Magalhães Filho procura compreender o comportamento do fluxo de calor no solo e da temperatura de superfície em diferentes usos e ocupações no perímetro urbano do município de Montes Claros em Minas Gerais, utilizando, para isso, técnicas de sensoriamento remoto.

Partindo de uma perspectiva sistêmica e com uma preocupação de fornecer subsídios ao planejamento urbano e gestão ambiental, o penúltimo artigo desta edição, de autoria de Wemerson Flávio Silva, Edmário Marques Menezes Júnior e Oswaldo Girão da Silva, busca relacionar a ocupação espacial e as unidades geomorfológicas da cidade do Recife, identificando os cenários de riscos geomorfológicos evidentes.

Por fim, o artigo que fecha essa edição, de Julia Diniz de Oliveira e Silmara Lopes de Souza, procura fazer uma análise sobre a obra de Milton Santos, sobretudo no que diz respeito à sua teoria do espaço como um sistema inseparável de objetos e ações.

Os Editores